

MEMÓRIA, CULTURA E SOCIEDADE

04 A 09.DEZ
RIO DE JANEIRO

VIII Semana
Fluminense do
Patrimônio

2018

Foto: Caixa de Divino, de Carlarte José Rodrigues Souza, 1º Lugar pelo júri técnico no tema A categoria adulto da Mostra de Fotografia e Poesia "Olhares sobre o patrimônio fluminense".

RESULTADO DA MOSTRA

OLHARES SOBRE O PATRIMONIO FLUMINENSE 2018

Fotografia, Poesia, Poesia Falada e Vídeo

MOSTRA

OLHARES SOBRE O PATRIMONIO FLUMINENSE 2018

Ação de valorização do patrimônio cultural fluminense que tem como proposta:

- Estimular os olhares sobre o patrimônio cultural
- Conhecer o patrimônio eleito pela população
- Divulgar o patrimônio cultural fluminense
- Incentivar a preservação do patrimônio cultural fluminense

MOSTRA

OLHARES SOBRE O PATRIMONIO

FLUMINENSE 2018

Tema Geral da Mostra: “Memória, cultura e sociedade”.

Modalidades:

- Fotografia;
- Poesia;
- Poesia falada;
- Vídeo.

Categorias:

- Infanto-juvenil: de 11 a 17 anos;
- Adulto: a partir de 18 anos.

Temas:

- Fragmentos de uma história viva;
- Minhas Raízes;
- Metamorfose.

MOSTRA
OLHARES SOBRE O PATRIMONIO
FLUMINENSE 2018

TEMA 1:
FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA VIVA

Inclui registros de fotos, poesias e poesias faladas sobre o Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) antes e/ou depois do incêndio por ele sofrido no último mês de setembro, seja da edificação do Palácio, das exposições que lá existiam ou dos jardins que o circundam. O Museu Nacional é a instituição científica mais antiga do Brasil e é considerado um dos maiores museus de história natural e de antropologia das Américas. Busca-se aqui reunir obras que contribuam com o resgate da memória desta instituição, e que revelem aspectos de seu acervo histórico-científico, de seu prédio histórico e das histórias vividas naquele local.

15 fotografias inscritas - Todas na categoria adulto

4 poesias inscritas - na categoria adulto | 1 poesias inscritas - na categoria infanto-juvenil

1 poesia falada inscrita - Na categoria adulto

2 vídeos inscritos - Todos na categoria adulto

FOTOGRAFIA

1º lugar júri técnico
1º lugar voto popular

“Requiem Nacional”
Ana Muratori



FOTOGRAFIA

2º lugar júri técnico

“Vida Eterna”
Simone Bessa



FOTOGRAFIA

Menção honrosa
júri técnico

“Uma janela através
da história”
Patrícia Narcizo dos
Santos



POESIA

1º lugar júri técnico
1º lugar voto popular

“Descritivo”
Ernane Catroli

Fragmentos
Pedaços sobrados
Recolhidos
Cacos

Marcas do Tempo.

Relíquias do Império.

De onde em mim
lateja esta dor
vem dor
vem dor
vem dor

Que nas instituições governamentais
Imperfeitas
por excesso de uso
por descuido
ou falta de verbas
- para o zelo

do que aqui se deseja
Eterno
Invulnerável
-Tudo torna-se
Efêmero

Transitório
Fugaz

Ainda há pouco
O indizível
entre labaredas
até o teto

Chamejante.

POESIA

2º lugar júri técnico

“Calor de passear” Rosa Scarlett

Era um dia de calor, calor de passear
Mas à praia nós não fomos,
Queríamos histórias pra ver e pra contar

No trem geladinho,
Ríamos e falávamos bastante
E que sorte, conseguimos um lugarzinho
E sentados seguimos ansiosos para ver o elefante.

Também adoramos a girafa, os macacos e o
jacaré,
Com o sol ardendo em brasa
Que bom que lembramos do boné,
Senão o calor do astro rei, quase nos assa.

Ainda bem que meu coração é gigante
Para caber tanta emoção
Reviver a alegria nos olhos de nosso infante
Trouxe tanta recordação.

A Quinta da Boa Vista tão linda e para todos
Com seu museu imponente
Visito-a desde criança e vejo todo tipo de gente,
Sorrindo como bobos
Por ver natureza, arte e a história no mesmo
ambiente.

Fotos que ficaram na lembrança
E coleções de borboleta que queria ter em casa
Meu filho como boa criança
Apaixonado pelos dinossauros, fazia poses e
graça.

O marido que é biólogo aproveitou para dar
aula
E saímos planejando voltar ao Museu Nacional
Mais ricos de alegria e de alma,
Voltaríamos antes do Natal.

Mas o calor que não era do astro,
Resolveu queimar
Ardendo como seco pasto,
Eu lembrava das conchas, de mapas e de um
lindo cocar.

As imagens não podiam, meu coração
proteger
Nem livrar o choro daquela noite
Vendo a história a fenecer,
Sob labaredas de açoite.

Esperançosos com a reconstrução
Planejamos mais um passeio
Com o calor da emoção
Com lágrimas, mas sem receio.

Ciência querida,
Protege nosso Museu Nacional
Cicatrizava essa ferida
Num reconhecimento glorioso
Ao trabalho do povo
Da Universidade Federal.

E que de agora em diante
Quando esquentar
Que seja apenas o sol radiante
Com seu calor de passear.

POESIA

3º lugar júri técnico

“Museu Nacional sem
igual”
Denise França

Museu Nacional
Hoje pode ser visto no tour virtual
Museu Nacional
Que outrora viveu no mundo real
Alvo de um incêndio de dimensão surreal

Museu Nacional
Da Pátria mãe gentil
20 milhões de itens de valor sem igual
No fogo do incêndio descomunal

Museu Nacional
Os olhos que viram
Relíquias de idos tempos
Privilégio tiveram

Museu Nacional
Memórias preciosas resgatou
E no incêndio desmoronou
Em meio a fumegantes labaredas
Seu fim chegou

Que época é essa que vivemos?
Que descuido é esse que testemunhamos?
Que vergonha é essa que nos faz sentir?
Oh! pátria mãe gentil que
seu único Museu Nacional não preservou com afincos e que hoje se esvaiu em
cinzas e de
luto os patriotas deixou.

POESIA

INFANTO-JUVENIL

Menção honrosa
júri técnico

1º lugar voto popular

“Entre lembranças e
memórias”

Mylena Miranda

Era mais um dia para nós
E como se fosse o último para ele.
Sorte de quem o viu inteiro
Uma última vez.

Liguei a TV e depois não tive tempo para
pensar
Mal conseguia acreditar

Incêndio. Fogo. Destruição.
Dois séculos desmoronando
Diante da nossa visão.

Histórias? Ali eram contadas, bastava apenas
uma olhada.
Estruturas que nos faziam viajar no tempo
Feche os olhos, e voltemos há alguns
séculos...

"Admire as Musas "
E admirei...

“Olha a Luzia, prima distante da Lucy “
E percebi o quanto ela era tão parecida com
nós.

Hoje graças a Deus a Lucy está salva, longe
do fogo.

Longe de todo o descaso sempre muito bem
arquitetado por

Quem não acredita que o passado é uma lição
para o presente

E uma garantia para o futuro.
Não sabia que não as veria mais vez.

Sempre ouvi dizer:
"Quem vive de passado, é museu"

Mas e se nem ele mais viver?
E se não recordar mais,
Não lembrar mais,
Não existir mais?

Memórias recordam
Lembranças despertam
Saudades apertam
E a falta alerta.

O museu virou história.
E entre cliques e conhecimentos se
eterniza.
Felicidade é a nossa de termos
lembranças daquele lugar
E aos poucos construiremos mais e mais
memórias, sólidas, para somar...

"Acredite, confie e admire as musas!"

VÍDEO

1º lugar júri técnico
1º lugar voto popular

“Vigésima lavagem da
escada da matriz”
Cida Costa

O vídeo pode ser assistido no seguinte link:

<https://www.youtube.com/watch?v=PeWBFyk8UzM&feature=youtu.be>

MOSTRA OLHARES SOBRE O PATRIMONIO FLUMINENSE 2018

TEMA 2: MINHAS RAÍZES

As obras (fotografias, poesias, poesias faladas ou vídeos) inscritas neste Tema deverão expressar a identidade cultural e raízes de seus autores, por meio de registros que valorizem as práticas, representações, expressões, saberes e técnicas do patrimônio cultural imaterial (exemplos: tradições e expressões orais; expressões artísticas; práticas sociais, rituais e atos festivos; saberes e costumes tradicionais relacionadas à natureza e ao universo; saberes e práticas relacionados à culinária tradicional; técnicas artesanais tradicionais), e que podem ser representativas de qualquer região do Estado do Rio de Janeiro.

10 fotografias inscritas - Todas na categoria adulto

7 poesias inscritas - Todas na categoria adulto

4 poesias faladas inscritas - Todas na categoria adulto

1 vídeo inscrito - Na categoria adulto

FOTOGRAFIA

1º lugar júri técnico

“Infância da Baixada
Fluminense”
Laís Barbosa



FOTOGRAFIA

2º lugar júri técnico

“Teatro Lambe-
Lambe”
Marcele Siqueira



FOTOGRAFIA

3º lugar júri técnico
1º lugar voto popular

“Pescadores”
Renata Aymoré Gama



FOTOGRAFIA

Menção honrosa
júri técnico

“Beijo da Inocência”
Alexander Caio



POESIA

1º lugar júri técnico

“Alma batuqueira”
Paulinho da Cuíca

E ainda querem nos calar a voz!
A minha voz é minha, a minha voz é samba.
A minha voz é nossa, a nossa voz é bossa!

É grito forte silenciado
E resistindo sob jugo, aprisionado
Aumenta o tom se multiplica.
Se silenciam o tamborim
Grita forte e ritmada a cuíca
Se emudecem o tambor grande
Candongueiro em resposta repinica!

E no ancestral rufar do tambor,
Nossa alma batuqueira é consagrada.
Tocaremos, cantaremos, bradaremos com fervor,
Nunca mais a nossa voz será calada!

POESIA

2º lugar júri técnico

“Largo do Machado”
Ernane Catroli

Dezembro
no cambiante das cores
Inopinado
Verde
Ouro
Anil
Branco
E de permeio
um cântico
solene
ecoando da Igreja Matriz
Na. Sra. Da Glória
Tapete de folhas mortas
onde vagueio
sem que nem
precise dizer
Sou eu. Sou eu. Sou eu.
Que a praça
- seu entorno -
me reconhece
e me acolhe
Com o calor
de um abraço
materno.

POESIA

3º lugar júri técnico

“Quarta-Val” Guga Caldwell

Em todos os cantos tem purpurina
Pena, confete e serpentina
A quarta ainda não virou cinza
Nem com o calor da avenida

Ouçó axé, sinto o cheiro do acarajé
Ainda vejo o samba no pé
Marchando sem parar
Por mais um bloco

O santo é forte, é zona norte
Bate, a bola mascote
O linda mas já é quarta-feira
O boneco não desce ladeira

Mas lá em baixo tem frevo e maracatu
Mesmo na ressaca
Meu barco não se desata
O carnaval não tem fim,

Pelo menos pra mim
Pois é um camaleão,
Que muda de cor e de estação

Eis me um desabafo aqui

O cinza vai me fazer sorrir,
Mas só depois que eu ouvir
A nota dez do Tuiuti.

POESIA

Menção honrosa Júri técnico

“Relato de um escravo” Tata Boeta

A minha pele tem marcas do passado,
Passado que corroe em minha mente,
Que dismantela as minhas memórias,
Você branco, que me chicoteia com ódio,
Um ódio que se deriva do nada,
Por que esse ódio? o que fiz para que me marcasse?
Será que minha pele ofusca seu olhar?
Suas crenças te ensinam que alma não tenho,
Corrijo, sim...minha alma é de negro
Filho da África mãe,

Sou mulato, caboclo, pardo e negro,
Para você sou um simples escravo.
Me chamam de tantos nomes,
Que luto para não perder minha identidade,
Minha nação? Está espalhada por aí,
mantenho minha fé que irei encontra-los
Minha família, nem sei se está viva,
Mas tou na raça para sobreviver.

Minha história fazem questão de ignorar,
Se eu falo em dialeto, motivo de agressão gratuita,
Consideram que é do diabo, feitiçaria
Minha crença anulada, me fazem crer em seu Deus,
Sou uma simples mão de obra,
Sou um simples capacho do Senhor.

Para o Branco sou mercadoria,
Meu valor depende de minhas condições físicas.
Mas o meu amor não está à venda!
Minha dignidade não está à venda!
Minha crença não está à venda!
Branco, te engano para sobreviver!
Mas as escondidas danço para louvar,
Canto para lembrar minhas origens,
Sou filho da mãe África!

Sou Negro! Não me importe a nação!
O que importa é que vivo na resistência!
e você branco, nunca vai tirar isso de mim!
Sou escravo de seus caprichos,
Mas sou guerreiro de nascença!
Olhe nos meus olhos... tou de pé mesmo com a
minha pele marcada!
Sou sobrevivente da sua ganância e de sua falsa
moral!
Sou África, sou negro e isso nunca você irá me
tirar!

POESIA

1º lugar voto popular

“Bolo de mãe”
Katia Guerra

O cheiro do bolo, inunda o ar.
Toda tarde é assim.
Ao chegar em casa,
Logo após à escola,
Sei o que vou encontrar:
Minha mãe, sempre ela, em seu lugar.
Está distraída, envolta em preparos.
A mesa posta,
O café quentinho,
E o bolo? Ah! O bolo de fubá!
Fácil de preparar, diz com simplicidade singular.
Fubá mimoso, leite de coco, açúcar,
Queijo ralado. Queijo ralado, mãe?
Não importa ! A alquimia está pronta.
Tomo assento à mesa, quase sem esperar.
Ela me serve, sem hesitar.
Eu a contemplo:
Minha mãe, meu lar !

POESIA FALADA

Menção honrosa

Júri técnico

1º lugar voto popular

A poesia falada pode ser assistida no seguinte link:

<https://www.youtube.com/watch?v=csrfOjsXq5Q>

“Subúrbio em poucas
fotos”

Lídia Santos

POESIA FALADA

Menção honrosa
Júri técnico

“Raízes”
Danusalmeida

A poesia falada pode ser assistida no seguinte link:
<https://www.youtube.com/watch?v=vHZio9SZ95I&feature=youtu.be>

MOSTRA OLHARES SOBRE O PATRIMONIO FLUMINENSE 2018

TEMA 3: METAMORFOSE

Neste tema, as obras deverão representar a capacidade de superação de bens culturais que tiveram sua integridade ameaçada por diversos fatores tais como desastres ambientais, incêndios, ou as próprias marcas do tempo, mas nem por isso perderam sua essência e sua marca na sociedade, pois foram ressignificados e reapropriados pela população. Diante deste fato, qual patrimônio Fluminense a sociedade adotou e que você constata hoje - através do olhar da sua câmera, ou das palavras escritas e faladas de sua poesia - que passou por um processo de ressignificação ou de recuperação.

6 fotografias inscritas - Todas na categoria adulto

1 poesia inscrita - Na categoria adulto

1 poesia falada inscrita - Na categoria adulto

4 vídeos inscritos - Todos na categoria adulto

FOTOGRAFIA

1º lugar júri técnico
1º lugar voto popular

“O trem da minha
vida”
Bia Novais

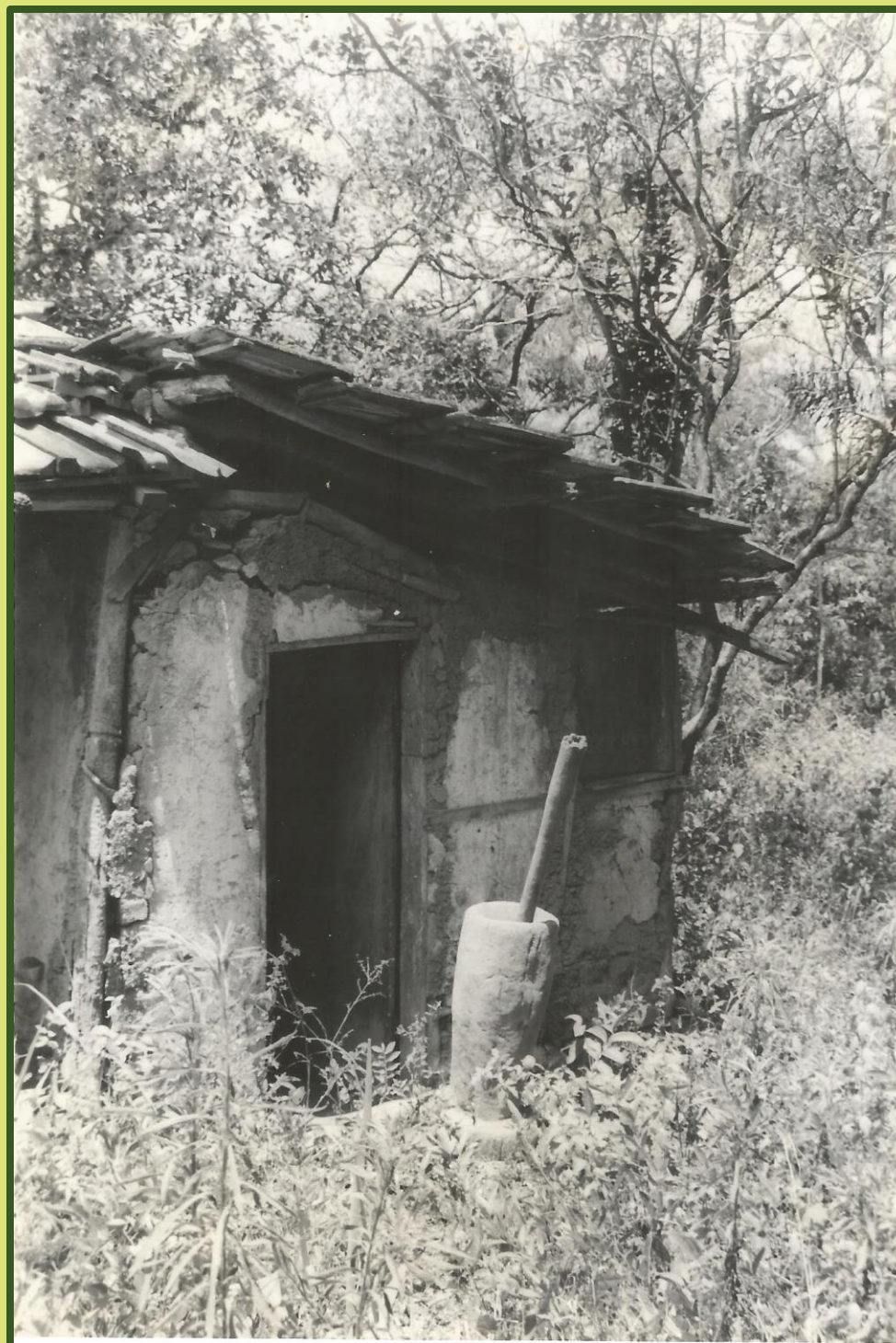


FOTOGRAFIA

2º lugar júri técnico

“Casa Velha com Pilão
do Morro das
Andorinhas”

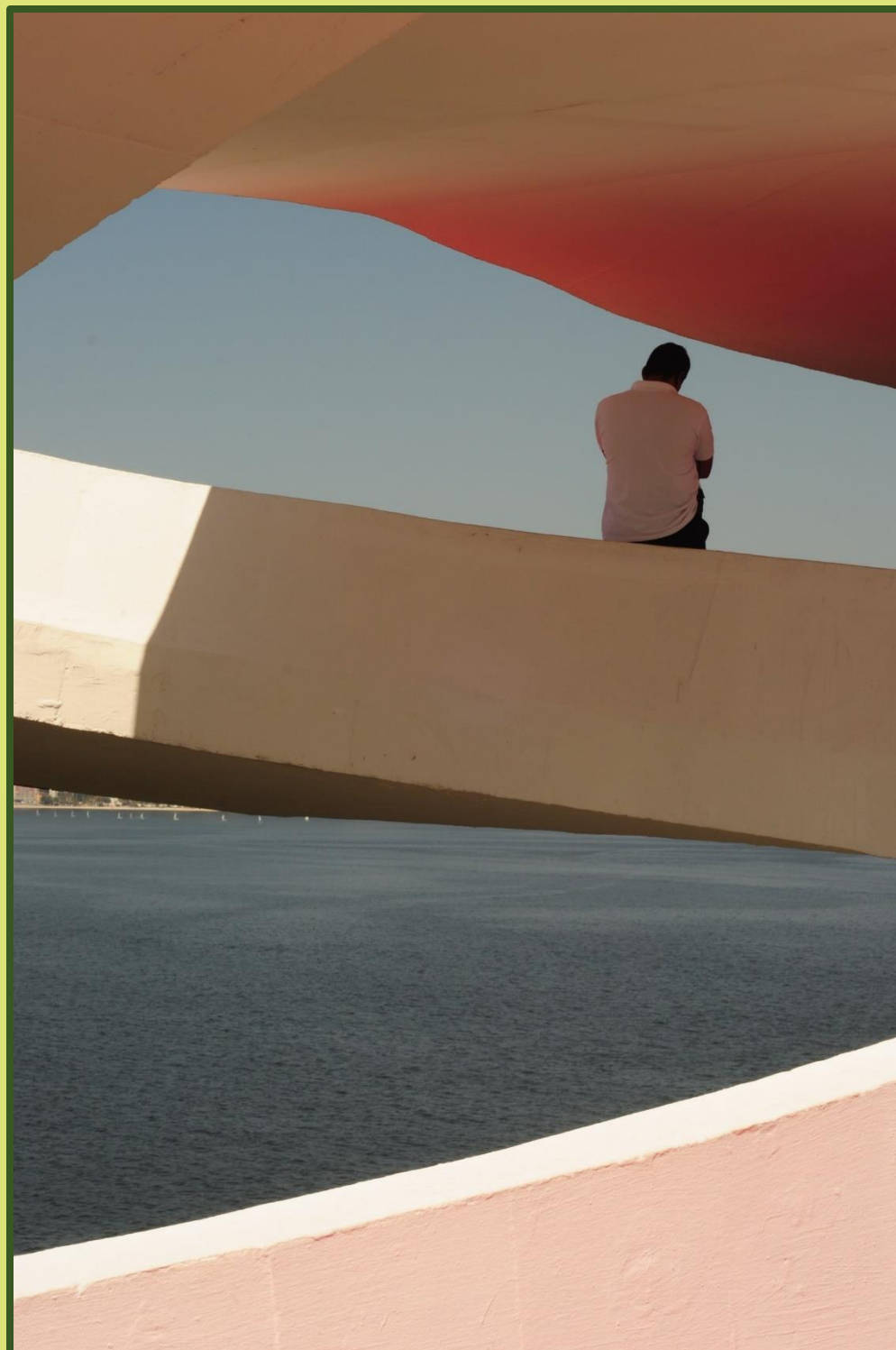
Eliana Conde Barroso
Leite



FOTOGRAFIA

3º lugar júri técnico

“Concreto Maleável”
D’Beija



FOTOGRAFIA

Menção honrosa
júri técnico

“Idílio (ou a Baía de
Guanabara que
ninguém vê)”
Let Cotrim



FOTOGRAFIA

Menção honrosa
júri técnico

“Ainda temos o lago”
Marcia Silva



POESIA

1º lugar júri técnico

“ Pretos e flores da terra ”

Tatiana Campos Batista

Você passa apressado,
pelas ruas da cidade e não crê
que antes da nossa presença, havia história
um algo, muito maior do que se pode ver.
há um Campo Santo em alguma esquina,
em algum terreno que hoje não se espera
que tenha mais que do que uma casa vizinha.
Eu ouço o canto das almas errantes
que vieram a essas terras não como viajantes,
vieram açoitados, amarrados, contidos,
vieram no medo, na dor, malditos,
que foram sequestrados, vendidos
não disseram adeus, não fizeram pedido,
vieram em navios inundados
vieram todos humilhados.
Atravessaram meio mortos,
e esses são os que tiveram sorte
porque mesmo com a horrenda morte
puderam precocemente a liberdade vislumbrar.
Chegavam mortos, meio mortos e alguns vivos
pelo Cais do Valongo, já eram divididos
os vivos, desgraçados, no mercado já eram vendidos,
e os mortos, quase mortos, achacadiços
por não ter prévia religiosa filiação
para fora da muralha de São Sebastião
eram então levados;
Jogados nus em um barracão
a espera de um lote, uma numeração,
que coubessem, cabeça com pé amontanhados,
envoltos em lonas, em grupos eram enterrados.

Cova rasa, sem número, sem caixão,
sem a menor dignidade,
sem nome, sem número, sem humanidade.
Fizeram dinheiro com a vida e com a morte,
destas pessoas que sem nenhuma sorte
ainda se encontram por ali,
no cemitério dos pretos novos.
A Freguesia de Santa Rita cresceu,
e o que me diria nobre dama se um dia
naquele mesmo local onde seu filho crescia,
pairasse entre alfazemas e jasmims
flores que cresciam em seus cuidados jardins,
um cheiro nefasto de preto morto
junto ainda daquele cais do porto.
O montante pros mortos já não comportava
o quanto de corpos o navio negreiro tragava,
e assim, precisando de mais espaço
mais chão pra morte desaguar,
e devido à diversas reclamações
e constatações dos problemas que aos vivos estava a
causar,
a flor da terra, a cruz tosca e seus grilhões
em um dia de março foram parados,
sem ter seu último morador numerado.
O tempo passou, e novas construções,
novas formas de uso se fizera
sobre aquele campo santo, hoje apenas uma janela,
para lembrarmos que um dia
fizemos da vida e da morte uma cartela
de um jogo de quem lucra mais.

POESIA

Menção honrosa
júri técnico
1º lugar voto popular

“Sou Madureira”
Guga Caldwell

Na igreja rezo
Para São José continuar protegendo a serrinha
No terreiro do Jongo, peço axé para tia Maria

Na portela peço a benção de Paulo
No império a benção de Silas
Aos dois peço a criatividade para compor

Mas acredite, Madureira não é só samba
Ou comércio
Madureira tem seu calçadão
Quem pisa no asfalto sagrado
Não quer mais sair

A poesia renasce nos saraus daqui
O Reggae que sai da Kombi
Faz qualquer um buscar a paz
O rap transpõe a realidade das almas pichadas
Os movimentos dançantes nos deixam boquiabertos

Muita gente vem de fora trazendo seus artefatos
A cultura moço aqui também chega de trem
Ou no meu caso de ônibus
Observo tudo isso e me encanto
Nem prematuro, nem maduro
Tá no ponto.

POESIA FALADA

Menção honrosa

Júri técnico

1º lugar voto popular

“A praça do caos”

Guga Caldwell

A poesia falada pode ser assistida no seguinte link:

<https://www.youtube.com/watch?v=XrrRQvsUNa8>

PRODUÇÃO



VIII Semana
Fluminense do
Patrimônio
2018